

## **Abordagem conceitual e classificatória dos gêneros midiacêntricos impressos: livro e jornal**

**BORGES, Ieda**, doutoranda pela Faculdade de Saúde Pública (FSP), da Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (Unimar), docente das Faculdades Adamantinenses Integradas (FAI), graduada em Jornalismo pela Universidade Júlio de Mesquita Filho (Unesp) Bauru/SP. [iedaborges@usp.br](mailto:iedaborges@usp.br)

**JACONI, Sonia**, doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Língua e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), docente da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo/SP. [sonia.jaconi@uol.com.br](mailto:sonia.jaconi@uol.com.br)

### **Resumo**

Refletir sobre os gêneros na comunicação de massa proporciona o avanço no conhecimento sobre a área através da revisão dos estudos já apresentados e na possibilidade em atualizar as reflexões nessa área. A proposta desta reflexão sobre os gêneros midiacêntricos impressos é de interesse amplo para enriquecer uma lacuna a respeito do conhecimento sobre a mídia nacional por uma discussão mais ampla sobre esse eixo: gêneros. Portanto, a contribuição deste artigo está na apresentação das observações realizadas no campo dos gêneros, especificamente para os impressos: livro e jornal. O fornecimento de informações sobre o assunto foi por meio da leitura dos textos, em forma de artigo, que compõem o livro *Gêneros Jornalísticos no Brasil*, organizado por José Marques de Melo e Francisco de Assis e dos estudos pioneiros de Luiz Beltrão.

**Palavras-chave:** Gêneros. Comunicação de massa. Livro. Jornais.

### **Introdução**

Estimular a reflexão sobre os gêneros na comunicação de massa foi mais um desafio apresentado pelo Prof. José Marques de Melo aos seus alunos de Pós-Graduação

em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo, no primeiro semestre de 2010.

Como instrumento de avaliação, os discentes, além da participação ativa nas aulas, através de leituras, análises e questionamentos sobre o tema, foram desafiados a escrever artigos sobre os gêneros midiacêntricos impressos e, dessa forma, levados a contribuir com a atualização e divulgação do conhecimento dos gêneros na comunicação de massa.

Os temas dos artigos deveriam contemplar os vários gêneros midiacêntricos: os cinematográficos, televisivos, radiofônicos, ciberespaciais, impressos, entretenimento e persuasivo/educativos. O destino desse material é a apresentação em congressos da área e possível publicação em livros e revistas.

Trabalho semelhante a esse, resultou na publicação da obra *Gêneros Jornalísticos no Brasil*<sup>1</sup> (2010), formado a partir da produção textual de alunos de Pós-Graduação e professores da área. Certamente é um livro que contribui com os estudos sobre os gêneros jornalísticos no Brasil.

Pesquisar os gêneros midiacêntricos impressos (*livro e jorna*)l foi a parte destinada às autoras responsáveis pela produção deste artigo. Portanto, aqui serão expostas algumas reflexões sobre o conceito, características e classificação desses dois gêneros.

### **Genêros na comunicação de massa: os pioneiros**

Os estudos pioneiros de Luiz Beltrão reforçam o pensamento comunicacional do professor José Marques de Melo no campo dos estudos sobre gêneros no país.

As obras publicadas proporcionam à comunidade acadêmica, profissionais da área e interessados uma reflexão sobre os gêneros praticados na mídia contemporânea, confirmando a necessidade de reflexão contínua diante das transformações constantes dos meios. No entanto, as pesquisas apontam para resultados ainda insuficientes para entender a complexidade na definição dos critérios para a definição dos gêneros.

---

<sup>1</sup> Livro organizado pelo Prof. José Marques de Melo e pelo jornalista e doutorando Francisco de Assis.

A proposta desta reflexão sobre os gêneros midiocêntricos impressos é de interesse amplo para enriquecer uma lacuna a respeito do conhecimento sobre a mídia nacional por uma discussão mais ampla sobre esse eixo: gêneros.

Buscou-se por apontar para uma revisão da literatura mundial cruzando autores de europeus existentes sobre o assunto para compreensão de uma possível classificação para a questão dos gêneros jornalísticos na imprensa.

A referência da discussão baseia-se no trabalho precursor do brasileiro Luis Beltrão com a trilogia máxima para a área comunicacional em 1969.

### **Gênero midiocêntrico impresso: livro**

Quem visitou a 21ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que aconteceu entre os dias 12 a 22 de agosto de 2010, teve a oportunidade de ver uma grande quantidade e variedade de livros. Formas criativas, cores vibrantes, tamanhos gigantes, pequenos, miniaturas, temas para todas as idades, e-books, etc. Era o verdadeiro mundo do livro e da leitura.

Em todos os dias do evento, o espaço ficava praticamente lotado. As crianças eram público garantido, pois tanto escolas quanto pais levavam os pequenos para se encantarem com as atrações dirigidas e com a imensa quantidade de livros destinada a elas. Muitas se perdiam na multidão e nas montanhas de livros.

Manter a ordem das prateleiras era um grande desafio para os organizadores, pois os visitantes queriam tocar, folhear, ver, cheirar e levar o seu livro para casa. As mãos, de crianças e adultos, voltavam para casa cheias de histórias, teorias e sonhos.

Diante do cenário da Bienal, duas situações ficam claras. A primeira é que o livro impresso ainda é um objeto que desperta desejo e interesse nas pessoas, mesmo com as novidades da internet, e a outra é que o mercado livreiro está aquecido para autores, editores, bibliotecários e leitores.

Robert Escarpit (1976) afirmou que o livro é um objeto diferente de todos os outros.

É que o livro não é um objeto como os outros. Ao segurá-lo, só se segura papel: o livro, porém, está além disso. Entretanto, ele está também nas páginas, e o pensamento, por si só, sem o apoio das palavras impressas, não poderia constituir o livro. Um livro é uma máquina de ler, mas jamais se pode servir-se dele mecanicamente. Um livro se vende, se compra, se troca, mas não pode ser tratado como uma mercadoria qualquer, pois é ao mesmo tempo múltiplo e único, inumerável e insubstituível. (1976, pág. 3)

Na visão do autor, o livro impresso não pode ser substituído e nem corre o risco de desaparecer, pois tem características que vão além da sua materialidade.

Com o fenômeno da internet, muitos especialistas da área chegaram a escrever sobre a morte do livro impresso e que a leitura no papel estava com os dias contados.

Porém, o que se observa é que o livro continua com o seu espaço garantido na sociedade e “coexistindo pacificamente” com os novos formatos.

Quanto ao conceito do livro impresso, é possível perceber uma tentativa de apresentá-lo tanto na sua forma material quanto imaginária.

O livro possui um conteúdo intelectual e formal de alta densidade, circula facilmente de mão em mão, pode ser copiado e multiplicado à vontade, é um instrumento simples capaz de liberar sons, imagens, sentimentos, ideias e elementos de informação, abre as portas do tempo e do espaço. (Robert Escarpit, 1976)

Esse gênero impresso (o livro) é, sem dúvida, um instrumento de difusão cultural que desperta interesse naqueles que desejam compreender melhor sua circulação na sociedade e as influências que exerce sobre ela. Portanto, torna-se essencial atualizar os estudos no eixo do gênero impresso livro para compreender melhor sua importância no contexto social.

### **Gênero midiacêntrico impresso livro: característica**

Parece que é desnecessário apresentar as características do livro, pois todos o reconhecem facilmente. Mas, como a ideia aqui é apresentar esse gênero impresso midiacêntrico, vale a pena reforçar suas individualidades.

Segundo o dicionário Houaiss (2001), o livro é:

Coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por um meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente. 2 considerado também do ponto de vista do seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc que constitui um volume, segundo as normas de documentação da ABNT e organismos internacionais, o livro é a publicação com mais de 48 páginas, além da capa.

Robert Escarpit (1976) diz que as especializações mais características do livro são de livro-objeto e que pode ter três que se combinam: investimento, elemento de decoração ou *status symbol* e livro-funcional (apresenta uma intenção utilitária). Segundo o autor, os livros têm funções distintas e que isso depende da relação entre o objeto e seu possuidor [grifo nosso].

Existe, porém, outra classificação para os livros, apresentada por Dewey em 1876. Foi esse bibliotecário norte-americano quem apresentou um sistema de classificação documentária que organiza todo o conhecimento em dez classes principais, que mais tarde tornou-se mundialmente conhecida e adotada nas bibliotecas.

A classificação, que já foi revista e atualizada desde sua primeira apresentação, preocupou-se em organizar as obras por funcionais (ciências sociais, filologia, ciências puras e ciências aplicadas) e parcialmente funcionais (generalidades, filosofia, religião, belas-artes, história e geografia).

Também na tentativa de organizar e classificar os impressos, Orlando da Costa Ferreira em sua obra, *Introdução ao Estudo do Produto Editorial* (1971, p.12), apresentou uma classificação a partir de três características: forma, destinação e modo de vida.

O autor afirmou que os impressos não podem ser confundidos com gráfica, pois estes são letreiros luminosos, placas de metal, sinais de trânsito, esgrafiados, etc. e aqueles apenas os que passaram sob as platinas ou os cilindros das prensas ou sob os estênceis reprográficos serigráficos, num sistema de produção em série.

Na classificação apresentada pelo autor, os livros aparecem na lista dos Impressos Bibliográficos, assim como os folhetos e os periódicos. Neste estudo, exibiu uma vasta lista dos impressos, que vale a pena ser consultada, porém admite que sua lista é incompleta e a classificação opcional para certos impressos. Sobre os impressos bibliográficos, Ferreira diz:

Os impressos bibliográficos (e alguns de outras categorias) recebem ainda o cômodo mas indistinto nome geral de publicações, entre elas destacando-se as oficiais e as que, editadas por sociedades, academias, congressos, simpósios, etc., chamam-se atas ou anais. É evidente que não importa o conteúdo do volume, e sim, a sua classificação bibliográfica, isto é, a forma de livro, pois se antes já se observou que podem estar incluídos na categoria os atlas geográficos, note-se que a hospitalidade da classe abrange também casos como, por exemplo, o das listas telefônicas e dos catálogos de peças e instrumentos, objetos que frequentemente povoam e muitas vezes adornam a nossa vida cotidiana. (1971, p. 16).

O livro também ganha uma divisão segundo o seu modo de usar, podendo ser de os de litura corrente e os de consulta.

No primeiro caso, entendem-se as obras literárias, os históricos e biográficos, tratados, manuais, compêndio, teses, miscelâneas, monografias. Já na segunda, estão as obras em que a informação, inclusive, manual, constitui um segmento individualizável de uma série alfabética, sistemática ou tabular. (FERREIRA, 1971, p. 17).

Além dessas especificações apresentadas, outras tentativas existem que contribuem para a compreensão do livro impresso. Orlando Ferreira cita em sua obra a observação do Dr. Giovanni Mardersteing<sup>2</sup> (1929) sobre a caracterização do livro:

O livro “compõe-se de cinco elementos: O texto, o tipo, a tinta, o papel e a encadernação. Criar uma unidade com esses cinco elementos de modo tal que o resultado não se torne um produto passageiro da moda, mas aspire à condição de valor permanente, eis o nosso desejo.” (FERREIRA, apud MARDERSTEIG, 1963).

Tal citação, além de oportuna para mostrar a composição do livro impresso, na visão do autor, também reforça a característica de “valor permanente”, ou seja, não tem data de validade e nem pertence à determinada época ou sociedade, aliás, é um objeto que pode circular entre as diferentes classes sociais, econômicas e culturais.

### **Gêneros midacêntricos impressos: jornal**

A necessidade da formulação de um quadro referencial teórico e prático dos gêneros jornalísticos na concepção de Georges Weill (1934), Pierre Denoyer (1950), Roger Clause (1963), Jacques Kayser (1964), traçando uma delimitação cronológica do para entender a complexidade na definição dos critérios para uma classificação dos gêneros. Busca-se uma contribuição, procurando traçar as fronteiras da construção histórica do jornalismo e discutir, de forma comparativa a questões da classificação do gênero baseada nos esquemas dos pesquisadores citados.

No clássico da literatura, do jornalismo, *Le Journal* (1934), na versão do castelhano *El periodico. Orígenes, evolución y función de la prensa periódica* (1962), Georges Weill (1865-1944) propõe um estudo sobre a história da imprensa desde o início da transmissão das notícias manuscritas (a *avvisi*) até os anos trinta do século XX. A maior parte do trabalho é dedicado às formas jornalísticas que foram introduzidas desde o século XVIII até meados do século XIX, concentrando-se especialmente na

---

<sup>2</sup> Fundador e mantenedor da Officina Bodoni, tipografia privada criada em Montagnola di Lugano, Suíça, e depois instalada em Verona. Cit. por Orlando da Costa Ferreira, (Introdução do Estudo do Produto Editorial, 1971, pág. 20).

França, Grã-Bretanha, EUA e Alemanha, tendo em atenção às diferentes histórias na imprensa de outras nações.

A publicação retrata dois aspectos relevantes para os estudos jornalísticos: as origens da imprensa, período pré-industrial e o desenvolvimento e a consolidação da imprensa durante século XIX, a época das transformações da imprensa mundial.

Os gêneros jornalísticos são abordados isoladamente, ainda sem uma classificação definida. Inicia-se com as histórias em prosa (trazidos do período das notícias orais) com fatos sob a forma de canções ou baladas. As primeiras folhas dos séculos XV a XVIII apresentam na análise de WEILL (1962), as publicações políticas e religiosas (1448 a 1470 com periodicidade anual) e Gazetas (1600 eram semanais). As gazetas (1609) iniciam os versos humorísticos em suas publicações. Apesar das narrativas sobre a imprensa europeia, o pesquisador traz referências de notícias sobre a América e, especialmente, sobre o Brasil na década da descoberta:

[...] folhas se referem aos novos países da América. Onze originais são preservados em uma folha alemã sobre o Brasil, impressa entre 1508 ou 1509 (Copia der neuen ceitung aus Presily Land). Outra, de 1522, se refere a Yucatan (WEILL, 1962, p. 11)

Características das publicações oficiais, sob a chancela e proteção real (1600), retratam como editoriais os artigos de fundo; notícias do estrangeiro; notícias políticas bem como espaços editoriais para cartas; crônicas mundana; crônicas literária, recepções teatrais, crítica teatral; - sessões acadêmicas; informes sobre: nomeações de altos funcionários, casamentos, óbitos, as canções com letras de música, rimas, adivinhas próximos ao gênero Utilitário, posteriormente propostos pelos pesquisadores do final século XX.

As publicações clandestinas, como as Gazetas (1662), impressas ou manuscritas próximas às características de panfletos, traziam as notícias à mão (chocantes) e proibidas pelo governo. Um exemplo citado por Weill é o *Journal Paris*, primeiro jornal diário (1777), com notícias e seções variadas, informação literária, teatral, sensacionalismo, crônicas judiciais, anúncios de artigos perdidos, cotações de ações, moda, crítica de arte, boletim de saúde.

Na Alemanha (1700), as gazetas publicam notícias políticas; informações literárias, científicas e artísticas. Exemplo seguido em 1731 por *Le Correspondant de Hambourg* (WEILL, p.73) quando a *Universidad de Halle* introduz em sua publicação *Halle* as notícias pedagógicas; informações sobre lançamento de livros e artigos científicos sobre pesquisas recentes dos docentes da IES.

[...] Los dos periódicos de la capital silesiana, entre 1703 y 1742, eran hojas católicas perfectamente incoloras, que se abstendían de todo juicio, ni siquiera para loar al soberano de Viena; daban noticias militares, artículos sobre las fiestas de los grandes y sucesos diversos. [...]. (WEILL, 1962, p. 76).

No período de 1789 a 1848, os jornais da Era Napoleônica, passaram por momentos de censura:

[...] sobre la huida de los ingleses abandonando Espana es necesario que hagan caricaturas, canciones, villancicos populares. Y Napoleao continua sin desmayo, en medio de los mas grandes acontecimientos, haciendo estos menesteres de director y de redactor jefe. (WEILL, 1962, p. 93).

O mesmo clima é retratado entre 1815 a 1848 na Europa Central. Em pleno reinado da censura, o *Journal des Débats* (Prussia) publica artigos sobre literatura e sobre arte; critica teatral; -crônicas “mundanas”; sem tocar em temas considerados explosivos. “[...] autoridades húngaras permitiram a publicação de discursos, com a condição de não citar autoria. (Weill, 1962, p.132)

O pesquisador encerra na segunda metade do século XIX com a implantação do telégrafo e as mudanças sistema impressão as transformações editoriais das publicações. A imprensa americana, por exemplo, traz os relato pormenorizado dos acontecimentos reais, crimes, dramas familiares e de todos os tipos de histórias de interesse humano. Em 1880, os jornais ingleses publicam reportagens e entrevistas. E, na frase do americano Gordon Bennte (1835 – Morning Herald), a síntese do poder da imprensa no período:

Um periodico puede enviar más almas al cielo y salvar más del infierno que todas las iglesias y las capillas de Nueva York – ao mesmo tiempo que gana dinero” . “Shakespeare es el gran genio del drama, Walter Scott de la novela, Milton y Byron de la poesia, y yo, yo creo ser el genio de la prensa periodica (WEILL, 1962, p. 150).



Roger Clause (1963;1967) em suas obras referências obre o jornalismo chama atenção para a existência, cada vez maior, para a sociologia da informação. Em uma preliminar classificação de gênero, apresenta como a informação da atualidade (ou do momento) destacando-se:

1 - Informações de interesse público e particular:

- Comunicado ou divulgações: opinião de interesse geral ou particular transmitida através dos canais oficiais;
- Informe (informações): a declaração feita em resposta a uma pergunta explícita ou implicitamente;
- Pequeno anúncio ou mensagem: indicação útil, pratica e pragmática dado à alguém, diretamente interessado.

2 – Relatório detalhado sobre um evento diário (reportagens):

- De um modo geral: nas situações e ações do dia; circunstâncias de um fato que não negligia os detalhes nem as circunstâncias, e nem tão pouco a configuração geral.
- Em particular: comentário da imprensa: relatório sobre o estado da opinião dentro do jornal a respeito de uma noticia geralmente importante.

3 – Notícias: relação, breve ou detalhada, colocada em evidência ou apresentada em uma coluna de incidentes, acidentes, “fatos humanos”, “histórias”, “notícias feitas manuscritas”, etc., ligados as noticias imediatas.

- é essencialmente a relação em um único caso de notícia. Não apenas um evento atual, mas um fato socialmente significativo, o conhecimento de que é necessário para a compreensão da história, no dia a dia, “centro vivo, nervoso, alerta para a informação atual, a notícia, por vezes, leva a outros tipos de informação quando estes são carregados com significação social (histórica).” (CLASSER, 1967, p. 188)

O francês Pierre Denoyer (1950) faz uma análise da imprensa nos principais países do início do século XX, e uma análise dos principais jornais da imprensa

britânica, americana, francesa, soviética e alemã retratando as características editoriais e por intermédio destes dados classificando-as.

Na imprensa britânica, por exemplo, destacava-se: *fait divers*; os assuntos meteorológicos, crimes, divórcios e as notícias locais pequenos com mais frequência do que a notícia principal da política.

O nome de Jacques Kayser é unanimidade para os estudos dos gêneros jornalísticos. Em sua obra referênciada, *Estudios de Morfologia, de Metodologia y de Prensa Comparada. 2 ed. Traducción del francés (1964)*, resultado de suas palestras no Ciespal nos cursos dos anos de 1960, 1961 e 1962 apresenta cinco classificações para os pesquisadores:

- 1 - por gêneros
- 2 - de origem;
- 3 - de acordo com o contexto geográfico
- 4 - de acordo com os objetivos;
- 5 - de acordo com o conteúdo

Na classificação por Gêneros Kayser (1964, p.51) define:

a) Informações - relacionam os eventos que ocorrem em todos os setores da atividade humana ou podem ser fonte de interesse para os seres humanos. Limita-se a relação dos fatos, exclui a posição adotada pelo informante (fonte), que transmite informações, o editor, que escreveu, de proprietários (líderes) que assumem a responsabilidade de sua publicação.

b) Artigos - são textos redigidos que comentam informações, expõe idéias, discutem os assuntos mais diversos. Dividem-se:

- Editoriais
- Artigos assinados
- Artigos não assinados

- Artigos com menções especiais (temas livres, tribunas livres)

c) Textos resultados de informações mais as opiniões sendo classificados em:

- Informações e opiniões juntos;

- Informações e opiniões associados;

- Depende da redação do texto, da procedência do texto (correspondentes) textos com impressões pessoais.

Para o autor, além dos três principais, ainda existem os essenciais (1964, p. 53):

- novelas;

- notícias;

- revistas de imprensa;

- correspondência dos leitores;

- textos de servidão - (programação de espetáculos, de rádio, de tv, da bolsa, do mercado imobiliário, horóscopo, resultados de corridas, apostas, palavras cruzadas, meteorologia, resumo da edição.

- Tiras e séries fotográficas.

A partir do referencial da pesquisa de gêneros iniciadas pelos precursores europeus e também por nomes da América Latina trazem para o campo a comunicação a discussão do marco inicial do gênero interpretativo no Brasil.

Procuram identificar formas pelas quais o desenvolvimento dos gêneros ocorrem e ainda apresentam classificações com posições, por vezes, controversas e definições vagas, mas buscando-se entender esta classificação como um alerta de que o jornalismo manifesta-se nos meios de comunicação de diversas formas especialmente no meio impresso jornal.

### **Considerações finais**

Nota-se a necessidade da discussão sobre os gêneros midiacêntricos em uma perspectiva de que o jornalismo nem sempre reserva espaços para conteúdos

jornalísticos com a função primordial de informar. Já na perspectiva do livro impresso, este confirma seu espaço e valor na sociedade e conquista, mesmo diante da força dos novos formatos promovidos pela tecnologia, os diferentes públicos que dele se apropriam.

Esta variedade e diversidade estipulam antecipadamente que pesquisadores ligados à área desdobrem-se para acompanhar as transformações do meio e adiantarem-se tanto na revisão quanto na atualização dos gêneros.

As reflexões sobre o gênero midiacêntrico impresso não devem cessar, e esse trabalho deve ser estimulado dentro das salas de aulas, em congresso e seminários da área. Somente assim o avanço das pesquisas no campo do pensamento comunicacional acontecerá e novas perspectivas aparecerão.

O trabalho do Prof. José Marques de Melo tem surtido efeitos positivos com a produção e publicação de seus alunos, o que reflete o perfil de alguém que deseja continuar contribuindo com a reflexão e o avanço na área, além de formar novos e pesquisadores.

## **Referências**

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do Livro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre, Sulina, 1980.

CLAUSSE, Roger. **Le journal et l'actualité** - comment sommes-nous informés, du quotidien au journal télévisé?, Marabout Université, 1963.

\_\_\_\_\_. **Sociologia de la informacion**. 4 ed. Ciespal: Quito, 1967.

CUNHA, Maria do Rosário. **O livro e a leitura em Eça de Queiroz**. Florianópolis: Escritório do Livro, 2007.

DENOYER, Pierre. **La presse dans le monde** – 1 ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1950.

\_\_\_\_\_. **La presse Moderne**. 4 ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1965.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do Livro**. (FGV), 1976. Rio de Janeiro.

FERREIRA, Orlando Costa. **Introdução ao Estudo Editorial**. (USP), 1971.

KAYSER, Jacques. **Estudios de Morfologia, de Metodologia y de Prensa Comparada**. 2 ed. Traducción del francés. Ciespal: Quito, 1964.

\_\_\_\_\_. **Une semaine dans le monde** – etude compare de 17 quotidiens pensant 7 jours. Unesco: Paris, 1953.

MARTINEZ ALBERTOS, Jose Luis. **La noticia y los comunicadores públicos**. Madrid: Ed. Piramide, 1978.

MCQUAIL, Denis. **Mass communication theory** – an introduction. 3 ed. SAGE, 1994.

WEILL, Georges. **El periodico. Orígenes, evolución y función de la prensa periódica**. Trad. Virgilio Belendez, UTHEA, 1962.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo** – gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, Umesp, 2010.